

Comunicação, Política e Atores Coletivos

Atena
Editora
Ano 2020



Alexsandro Teixeira Ribeiro
(Organizador)

Comunicação, Política e Atores Coletivos

Atena
Editora
Ano 2020



Alexsandro Teixeira Ribeiro
(Organizador)

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecário

Maurício Amormino Júnior

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremona

Karine de Lima Wisniewski

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena

Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena

Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

A Atena Editora não se responsabiliza por eventuais mudanças ocorridas nos endereços convencionais ou eletrônicos citados nesta obra.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

- Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves -Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

- Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá

Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Tais Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina

Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Alborno – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lúvia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal

Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba

Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão

Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo

Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana

Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí

Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo

Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Bibliotecário Maurício Amormino Júnior
Diagramação: Maria Alice Pinheiro
dição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizador: Alexsandro Teixeira Ribeiro

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)**

C741 Comunicação, política e atores coletivos [recurso eletrônico] / Organizador Alexsandro Teixeira Ribeiro. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader.

Modo de acesso: World Wide Web.

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-365-1

DOI 10.22533/at.ed.651201709

1. Comunicação. 2. Política e governo. I. Ribeiro, Alexsandro Teixeira.

CDD 302.24

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

A obra “Comunicação, Política e Atores Coletivos” reúne uma série de contribuições científicas que aprofundam o debate sobre temas de convergência entre as áreas da comunicação, como jornalismo, publicidade e relações públicas, em diálogo com outras áreas do conhecimento, como psicologia, sociologia, ciência política e marketing. De cunho interdisciplinar, a obra tem por objetivo apresentar o resultado de pesquisas realizadas em todo o país, consolidando um quadro de cooperações científicas que destaca a excelência nacional na produção de conhecimento. O resultado deste esforço, é uma organização que problematiza assuntos atuais e de relevância pública, como crise econômica, representatividade, gêneros, combate ao feminicídio e movimentos sociais.

De fato, em uma sociedade imersa na comunicação, em que a realidade é socialmente construída a partir das tecnologias da informação, o papel dos meios na representatividade e visibilidade social de um fato é de extrema centralidade. Com isso, a comunicação torna-se a arena para debates que renovarão a esfera pública e promover a integração da sociedade, sobretudo no que diz respeito às comunidades em vulnerabilidade, as identidades que clamam por reconhecimento e os movimentos sociais. Este é o palco que se torna predominante entre as contribuições científicas nesta obra reunida e publicada pela Atena Editora.

Aqui, em um primeiro bloco de artigos, nos aprofundamos na análise dos meios de comunicação ora como promotores de empoderamento, ora como espaço de exclusão. Nesta dicotomia, observamos os discursos e comportamentos da mídia frente ao feminismo, à representatividade da comunidade LGBTI, e à participação das mulheres nos espaços de poder. E não se encerra aí. Ainda observamos nos demais artigos e esforços acadêmicos, que dão conta da amplitude da obra e da qualidade da formação superior nacional, temas como luta pela terra, políticas públicas, a história recente brasileira na luta pela democracia, a violência urbana, crise econômica e o papel da mídia e do Estado em áreas de invisibilidade social. O rigor metodológico e as contribuições interdisciplinares faz da coleção “Comunicação, Política e Atores Coletivos” uma obra que contribui para o campo científico nacional.

Alexsandro Teixeira Ribeiro

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
A VISIBILIDADE DA VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER NO ESTADÃO: UM ESTUDO SOBRE A REPRESENTAÇÃO DA FIGURA FEMININA EM REPORTAGENS VEICULADAS NOS ANOS DE 1985 E 2015	
Luíza Buzzacaro Barcellos Janie Kiszewski Pacheco	
DOI 10.22533/at.ed.6512017091	
CAPÍTULO 2	14
LIP SYNC FOR YOUR LIFE: UMA DISCUSSÃO JORNALÍSTICA SOBRE DRAG QUEENS	
Talita Santos	
DOI 10.22533/at.ed.6512017092	
CAPÍTULO 3	26
MULHERES UNIDAS CONTRA BOLSONARO - REFLEXÕES TEÓRICAS SOBRE A PARTICIPAÇÃO CIVIL FEMININA NA ELEIÇÃO PRESIDENCIAL DE 2018	
Raquel Lobão Evangelista	
DOI 10.22533/at.ed.6512017093	
CAPÍTULO 4	40
MÍDIAS DIGITAIS, CUIDADO E AUTOCUIDADO NO MOVIMENTO FEMINISTA COMO ESTRATÉGIA DE PARTICIPAÇÃO	
Cosette Castro	
DOI 10.22533/at.ed.6512017094	
CAPÍTULO 5	53
A MULHER NA FOLHA BANCÁRIA: UM RECORTE DE GÊNERO NA IMPRENSA SINDICAL	
Alexsandro Teixeira Ribeiro	
DOI 10.22533/at.ed.6512017095	
CAPÍTULO 6	65
AS RECATADAS: AS MULHERES ENQUANTO PAUTA E PROTAGONISTAS NO RÁDIO	
Sofia Soares Dietmann Leslie Sedrez Chaves	
DOI 10.22533/at.ed.6512017096	
CAPÍTULO 7	75
O CORPO NOS ECOSSISTEMAS COMUNICATIVOS: DESDOBRAMENTOS PARA A EDUCOMUNICAÇÃO	
Ricardo Barretto	
DOI 10.22533/at.ed.6512017097	

CAPÍTULO 8	85
CÂNCER DE MAMA: CORPO, POLÍTICA E A FOTOGRAFIA HUMANISTA DE KATHARINA MOURATIDI	
Mônica Torres	
DOI 10.22533/at.ed.6512017098	
CAPÍTULO 9	101
O PAPEL DO JORNALISMO NO CONTROLE DEMOCRÁTICO E NA EDUCAÇÃO EM DIREITOS HUMANOS	
Juciméri Isolda Silveira	
Manuella Niclewicz	
DOI 10.22533/at.ed.6512017099	
CAPÍTULO 10	110
CONTROLE, REPRESSÃO E VIGILÂNCIA SOB O OLHAR INFANTIL EM <i>O ANO EM QUE MEUS PAIS SAÍRAM DE FÉRIAS</i>	
Gisele Gutstein Guttschow	
Juliana de Souza	
DOI 10.22533/at.ed.65120170910	
CAPÍTULO 11	124
DO TRABALHO PRECÁRIO À ORGANIZAÇÃO MILITANTE: FORMAS DE ATUAÇÃO POLÍTICA DO MOVIMENTO DOS TRABALHADORES SEM TETO (MTST)	
Renan Dias Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.65120170911	
CAPÍTULO 12	140
A CIDADE DO MEDO: A CRISE POLÍTICO-ECONÔMICA E SEUS EFEITOS SOBRE A MARCA RIO	
Patricia Cerqueira Reis	
Diego Santos Vieira de Jesus	
DOI 10.22533/at.ed.65120170912	
CAPÍTULO 13	154
A REVOLUÇÃO CONSTITUCIONALISTA DE 1932: UMA ANÁLISE DA COBERTURA MIDIÁTICA ACERCA DO FATO HISTÓRICO	
Carlos Eduardo Klingelfus Grasso	
Guilherme Barros Nascimento	
Israel Filipe Santos Nascimento	
DOI 10.22533/at.ed.65120170913	
CAPÍTULO 14	170
BANDIDOS NA TV: A MORTE PELA AUDIÊNCIA	
Marcela Rochetti Arcoverde	
DOI 10.22533/at.ed.65120170914	

CAPÍTULO 15	181
O JORNALISMO NA ERA DO ENTRETENIMENTO: REFLEXÕES TEÓRICAS SOBRE INFOTENIMENTO	
Paula Miranda	
Leonel Azevedo de Aguiar	
DOI 10.22533/at.ed.65120170915	
CAPÍTULO 16	194
GUTEMBERG: A ERA DA IMPRENSA	
Adelcio Machado dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.65120170916	
CAPÍTULO 17	202
INSTRUMENTOS DE PARTICIPAÇÃO POPULAR INFORMAIS: UMA ANÁLISE DOS CONSELHOS DE POLÍTICAS PÚBLICAS NO MUNICÍPIO DE SOUSA-PB	
Jacynara Farias de Souza Marques	
Rafaela Azevedo dos Santos Felix	
DOI 10.22533/at.ed.65120170917	
CAPÍTULO 18	221
INTERVENÇÃO FEDERAL NO RIO DE JANEIRO (2018): ANÁLISE DAS ESTRATÉGIAS MUDIÁTICAS UTILIZADAS PELO <i>JORNAL NACIONAL</i> E DA SUA RESPONSABILIDADE NA MUDIATIZAÇÃO DA SEGURANÇA PÚBLICA E DA VIOLÊNCIA NO ESTADO	
Tamiris Artico	
Carla Montuori Fernandes	
Maria Goreti Lopes Artico	
DOI 10.22533/at.ed.65120170918	
CAPÍTULO 19	244
NEUROMARKETING APLICADO SOBRE GRANDES MASSAS	
Adelcio Machado dos Santos	
Alexandre Carvalho Acosta	
Evandro Henrique Cavalheri	
DOI 10.22533/at.ed.65120170919	
CAPÍTULO 20	252
O BRASIL NAS NARRATIVAS AUDIOVISUAIS QUE CIRCULAM NO IMAGINÁRIO ESTRANGEIRO, PRODUÇÃO, CONSUMO E PODER	
Roberta Brandalise	
DOI 10.22533/at.ed.65120170920	
CAPÍTULO 21	265
O CELEIRO VAZIO: A DECISÃO DE PUBLICITÁRIOS DE DEIXAR AS AGÊNCIAS CARIOCAS	
Roberto Sá Filho	
Diego Santos Vieira de Jesus	
DOI 10.22533/at.ed.65120170921	

CAPÍTULO 22	282
A FOTOGRAFIA EM RELAÇÕES PÚBLICAS Ana Domitila Rosa Lemos Silva Gardene Leão DOI 10.22533/at.ed.65120170922	
CAPÍTULO 23	295
PSICOLOGIA AMBIENTAL: UM DIÁLOGO COM ARQUITETURA E DIREITO João Ernesto Pessutto Marco Aurelio Prette Charaf Bdine Nelson Finotti Silva Carlos Florido Migliori Paula de Oliveira Santos Miyazaki Neide Aparecida Micelli Domingos Leda Maria Branco Maria Cristina de Oliveira Santos Miyazaki DOI 10.22533/at.ed.65120170923	
CAPÍTULO 24	308
UM TOM REDENTOR PARA O DISCURSO PUBLICITÁRIO DIANTE DA CRISE ECONÔMICA BRASILEIRA Lívia Valença da Silva DOI 10.22533/at.ed.65120170924	
CAPÍTULO 25	322
DESCOBRINDO NOVOS CAMINHOS: APLICAÇÕES DA TERAPIA COGNITIVO- COMPORTAMENTAL Tháís Sanches Silva Eliana Melcher Martins DOI 10.22533/at.ed.65120170925	
SOBRE O ORGANIZADOR	333
ÍNDICE REMISSIVO	334

O JORNALISMO NA ERA DO ENTRETENIMENTO: REFLEXÕES TEÓRICAS SOBRE INFOTENIMENTO

Data de aceite: 01/09/2020

Data da submissão: 03/06/2020

Paula Miranda

UniCarioca – Curso de Jornalismo
Rio de Janeiro/RJ
<http://lattes.cnpq.br/3890479900105744>

Leonel Azevedo de Aguiar

PUC-Rio – Departamento de Comunicação
Social
Rio de Janeiro/RJ
<http://lattes.cnpq.br/3833374955831745>

RESUMO: Este artigo tem como proposta realizar uma discussão conceitual sobre as relações do jornalismo com o entretenimento a partir das teorias do jornalismo. Para cumprir essa tarefa, faz um levantamento bibliográfico de autores que analisam as temáticas do lazer e diversão. Em seguida, traça uma visão histórica do desenvolvimento do jornalismo informativo e discute a noção de infotenimento a partir da polarização das vertentes de educação e de entretenimento que compõe o campo jornalístico. A metodologia utilizada foi a pesquisa bibliográfica.

PALAVRAS-CHAVE: Teorias do jornalismo; jornalismo; entretenimento; infotenimento.

JOURNALISM IN THE ENTERTAINMENT AGE: THEORETICAL REFLECTIONS ON INFOTAINMENT

ABSTRACT: This paper proposes to carry out a conceptual discussion on the relationship between journalism and entertainment based on the theories of journalism. In order to accomplish this task, this paper presents a bibliographical search of authors who analyze the themes of leisure and fun. Then, it traces a historical view of the development of informative journalism and discusses the notion of infotainment from the polarization of the education and entertainment aspects that make up the journalistic field. The methodology used was bibliographic research.

KEYWORDS: Theories of journalism; journalism; entertainment; infotainment.

1 | INTRODUÇÃO

O professor polonês, Jerzy Targalski, falava “ao vivo” sobre as tensões políticas em seu país para um repórter da televisão holandesa NTR¹. Podemos construir um jogo teórico e perguntar o que mereceu destaque nesta notícia transmitida pelo telejornal: a influência do professor como ativista político? Os problemas políticos e econômicos da Polônia? Surpreendentemente a resposta pode ser “não”. A “personagem” notável desta notícia foi Lisio, o gato de Targalski que resolveu subir nas costas do dono e cobrir seu rosto com o rabo durante a gravação da entrevista. Mesmo

1 GATO rouba a cena durante entrevista ao vivo em TV holandesa. G1. 7 jul. 2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/planeta-bizarro/noticia/gato-rouba-a-cena-durante-entrevista-ao-vivo-em-tv-holandesa.ghtml>. Acesso em: 7 jul. 2018.

com a intervenção do gato, o professor não se abalou e continuou falando. O vídeo desta notícia foi compartilhado pelo portal de notícias G1 no dia 7 de julho de 2018 e, dez dias depois, já registrava mais de 4,5 mil reações e 448 compartilhamentos na rede social.

Apartir desse caso exemplar, podemos iniciar algumas reflexões: esse acontecimento deve ser compreendido como uma notícia ou como entretenimento? Ou será que pode ser enquadrado como narrativa jornalística e diversão? Nesse caso, qual é a proposta da televisão holandesa e do portal G1? Atrair a audiência. Certo, mas sobre o quê? Qual o foco da notícia? O destaque foi a presença do gato durante a entrevista com o professor. Tudo depende, logicamente, dos critérios de noticiabilidade levados em conta pelas organizações jornalísticas para atrair a atenção dos espectadores para o acontecimento. E os interesses dos espectadores são infinitos. Pode-se dizer que a proposta inicial foi mostrar o carinho de Lisio pelo dono, mas ao analisar a matéria mais profundamente, nascem alguns questionamentos sobre como esse fato ganha espaço na mídia. A notícia pretende apenas atrair a audiência ou também mostrar como os animais são importantes na vida dos humanos? Aí, podemos pensar que a dupla informação/entretenimento tem um papel crucial nisso já que pode despertar também o debate sobre as iniciativas de proteção aos animais, além de buscar apenas o lucro para as organizações jornalísticas.

O exemplo desta notícia é o ponto de partida para as reflexões teóricas deste artigo. A primeira seção deste trabalho, com o título Lazer, Diversão e Entretenimento, apresenta uma reflexão envolvendo essas noções. A segunda sessão, com o título Notícia e Entretenimento, abrange momentos da história do jornalismo e demonstra como o sensacionalismo e o entretenimento são componentes dessa trajetória. A metodologia adotada é a pesquisa bibliográfica envolvendo, principalmente, autores das teorias do jornalismo e estudos sobre entretenimento e lazer.

2 | LAZER, DIVERSÃO, ENTRETENIMENTO

Debord, em *A Sociedade do Espetáculo*, apresenta uma visão negativa do entretenimento. Segundo ele, o espetáculo funciona como o ópio que faz com o público aceite consumir bens e mercadorias de forma passiva. O espetáculo seria o “momento em que mercadoria ocupa toda a vida social” (DEBORD, 1997, p. 30) e, portanto, a forma da visão econômica do capitalismo se reproduzir.

Gabler (1999) lembra que a etimologia da palavra entretenimento é latina “e com toda a certeza vem de inter (entre) e tenere (ter)”. Segundo ele,

em inglês, a evolução da palavra *entertainment* levou-a a significar tanto uma forma de servidão quanto o fornecimento de apoio ou sustento, a maneira de tratar alguém, uma forma de ocupar o tempo, receber ou aceitar algo, dar hospitalidade a uma pessoa, bem como a definição mais familiar: aquilo que diverte com distração e recreação e um espetáculo público ou mostra destinada a interessar ou divertir (GABLER, 1999, p. 25).

Outra definição comum, segundo Gabler, que associa a palavra aos meios de comunicação de massa é que

o entretenimento – filmes, *rock*, romances sanguinários, histórias em quadrinhos, televisão, jogos eletrônicos – enterra suas esporas em nós e nos puxa, mantendo-nos cativos, levando-nos cada vez mais para dentro dele e de nós mesmos ou pelos menos de nossas emoções e sentidos, antes de nos libertar (GABLER, 1999, p. 25).

No livro *Homo Ludens*, Huizinga (1971) apresenta a importância do lúdico e da diversão nesse contexto. Ele que estudou o jogo como fenômeno cultural ou como o autor diz “determinar até que ponto a própria cultura possui um caráter lúdico” (HUIZINGA, 1971, p. 5). O jogo é um dos elementos mais importantes na evolução da humanidade e é mais antigo que a própria cultura. Ao usar como exemplo a brincadeira entre cães e fazer comparações com as reações humanas, o autor destaca a importância do jogo no processo de preparação para a vida como quando os filhotes brincam entre si, simulando caçadas, ou então crianças e adolescentes que simulam atividades de adultos. Dentro deste processo de “preparação para as exigências da vida”, o jogo “nessa capacidade de excitar que reside a própria essência e a característica primordial do jogo” tem um potencial para descarga de energias excessivas, despertando a alegria e a descontração. O jogo proporciona uma evasão da vida real, sendo que também nos contextualiza nesta vida através das regras que determinam limites, direitos e deveres de cada jogador e da tensão diante da incerteza e o acaso que ele proporciona.

Trigo (2003) acredita que o entretenimento não é apenas uma fuga da realidade, mas uma outra forma de percepção e entendimento desta mesma realidade. Segundo ele, o “entretenimento é mesmo divertido, fácil, sensacional, irracional, previsível e subversivo” (TRIGO, 2003, p. 32). Inclusive o próprio Debord (1997) admitiu que, exatamente por estes motivos, o público adora o entretenimento. Trigo destaca ainda que os preconceitos relativos ao entretenimento ao longo da história são baseados na visão da intelectualidade religiosa e política que sempre viu a diversão e o prazer como preferências de um povo preguiçoso, ignorante e fútil. Sendo assim, os “aristocratas da arte” formam a ideia de que o entretenimento é inútil e um lixo cultural. E de que ainda existem muitas dificuldades para manter o alto nível intelectual. Gabler (1999) apresenta esse problema e destaca um padrão de comportamento das elites culturais que perdura até hoje.

Mas talvez o motivo principal das críticas dos intelectuais fosse o fato de compreenderem a própria precariedade num mundo dominado pelo entretenimento [...] que disseminou um tema inequívoco [...] o triunfo dos sentidos sobre a mente, da emoção sobre a razão, do caos sobre a ordem, do id sobre o superego, do abandono dionisíaco sobre a harmonia apolínea. O entretenimento era o pior pesadelo de Platão. Depunha o racional e entronizava o sensacional e, ao fazê-lo, depunha a minoria intelectual e entronizava a maioria sem requinte. Os intelectuais sabiam que aí residia o maior perigo, o

poder de substituir a velha ordem cultural por uma nova ordem, o poder de substituir o sublime pelo divertido (GLABER, 1999, p. 28).

Dumazédier, outro autor que estuda a questão diversional, defende a qualidade de vida no tempo e que o lazer é, muitas vezes, subestimado. Segundo ele, o lazer

apresenta-se como um elemento central da cultura vivida por milhões de trabalhadores, possui relações sutis e profundas com todos os problemas grandes problemas oriundos do trabalho, da família e da política que, sob sua influência passam a ser tratados em novos termos (DUMAZÉDIER, 1973, p. 20).

O autor ressalta que as mudanças progressivas no tempo dedicado ao trabalho efeito da crescente urbanização, industrialização e introdução de novas tecnologias, incluindo a multiplicação de novas técnicas de comunicação de massa, fizeram com que o lazer fosse cada vez mais considerado um valor. Além do repouso, o lazer traz inúmeras opções de atividades. Dumazédier avalia que essas mudanças fizeram com que o lazer seja definido hoje como “uma oposição ao conjunto de necessidades e obrigações da vida cotidiana” (DUMAZÉDIER, 1973, p. 31) e que essa diversão é estimulada, em especial, pelos meios de comunicação. Em sua definição, o lazer possui três funções que podem ser identificadas, ao mesmo tempo, em várias atividades: descanso e divertimento; recreação e entretenimento; e desenvolvimento. A função de descanso serve como reparadora do cansaço físico e mental, reduzindo as tensões do trabalho e das obrigações cotidianas. A função de recreação liga-se ao tédio, a necessidade de alienação e evasão para um mundo diferente. É quando recorremos a jogos, viagens, esportes ou as atividades que estimulam a identificação e projeção como cinema, teatro, romance ou o recurso da vida imaginária. A terceira função contribui para o desenvolvimento da personalidade, estimulando a participação em grupos recreativos, culturais e sociais. Ou seja: o lazer também estimulado pelos meios de comunicação através da imprensa, cinema, rádio e televisão.

3 | NOTÍCIA E ENTRETENIMENTO

E o jornalismo dentro da perspectiva do entretenimento? A separação entre informação e entretenimento apresenta pontos de vista teóricos, muitas vezes contraditórios, baseados em especial na visão de que o jornalismo para ter credibilidade deve investir nas notícias sérias ou de interesse público. As organizações jornalísticas que, por outro lado, trabalham com um conteúdo mais leve acabam sendo avaliadas como difusoras de um jornalismo sem compromisso com a objetividade e a imparcialidade, ideais difundidos pela teoria do espelho com a proposta de refletir a realidade através das notícias, que podem ser considerados ultrapassados, mas que ainda têm influência na visão de vários jornalistas.

Para entender esta relação, vamos retornar brevemente as discussões sobre os valores-notícia. Autores e pesquisadores das teorias do jornalismo têm diversas visões em

relação a dicotomia entre notícias importantes e notícias interessantes. Como ponto de partida para estas reflexões, as impressões de Aguiar e Schaun (2016, p. 228) destacam que

de uma maneira geral, podemos afirmar que os estudos do *newsmaking* concluem que os acontecimentos avaliados como importantes são obrigatoriamente selecionados para serem transformados em notícia. Por outro lado, o valor-notícia ‘interesse da história’ está ligado à representação que os jornalistas fazem de seu público e complementa-se com o valor-notícia definido como capacidade de entretenimento do acontecimento (AGUIAR; SCHAUN, 2016, p. 228).

Chalaby (2003) aponta que a autonomia do jornalismo enquanto atividade social ocorreu com o nascimento da notícia, um estilo específico de discurso. As teorias construcionistas mostram que a produção de notícias é possível a partir da interação entre diversos agentes sociais, jornalistas, definidores primários (as “fontes de informação”) e consumidores. Todos exercem um papel ativo nas rotinas produtivas do jornalismo. O processo de construção social da realidade funcionaria como uma rede com inúmeros nós que formam essa teia de informações que se formam e crescem a partir da seleção dos acontecimentos. Autores do campo das teorias do jornalismo debatem sobre a dicotomia que impera neste processo constante de escolhas nas rotinas de produção das redações: a marcação das diferenças entre notícias “importantes” e notícias “interessantes”. É ponto comum entre todos que existem estes dois tipos de notícias que são chamadas de *hard* – “importantes” – em oposição a *soft* – “interessantes” – (GANS, 1979) ou notícias em oposição a interesse humano (HUGHES, 1940).

Schudson (2010) optou pelas palavras “*information*” em oposição a “*stories*”. O autor, no livro *Descobrendo a Notícia: uma história social dos jornais nos Estados Unidos*, discorre sobre esse assunto no capítulo 3 com o título “A narrativa e a informação: dois jornalisismos na década de 1890”. O autor discorre sobre o jornalismo como entretenimento através da história de Joseph Pulitzer e seu jornal *The New York World*. A ascensão do *New York Times* e o jornalismo como informação é a segunda análise. Schudson conta a história de cada um dos grandes empresários da mídia da época com o surgimento e crescimento de seus dois jornais. Cada um com uma proposta de discurso jornalístico e linha editorial. Segundo Schudson (2010), as discussões sobre estas diferenças muitas vezes não levam em conta que o entretenimento e o sensacionalismo (nem sempre o entretenimento trabalha a visão sensacionalista e vice-versa) tem grande peso na história da consolidação e difusão do jornalismo pelo mundo. O autor destaca que as reportagens objetivas não eram regra no jornalismo no final do século XIX. Na virada para o século XX, os principais jornais empregavam “tanta ênfase na narração de uma boa história quanto na apuração dos fatos; o conteúdo dos jornais explorava, principalmente, o sensacionalismo, em suas diversas formas” (SCHUDSON, 2010, p. 15).

Autores como Bird e Dardene (1999, p. 265) têm outra avaliação do tema. Eles colocam a notícia como narrativa “mitológica” que, com suas qualidades míticas, podem dissolver essa distinção entre entretenimento e informação. Ao colocar de lado essa dicotomia entre importante e interessante, eles ressaltam que essa percepção faz com que fiquemos cegos diante dos mecanismos narrativos utilizados na produção das notícias, incentivando uma ilusão de que a estrutura narrativa das notícias importantes é sempre técnica e neutra. As notícias funcionam como sistemas simbólicos que “ensinam” ao público mais do que qualquer das partes componentes, mesmo que essas partes tenham a finalidade de informar, irritar ou entreter. Assim, de acordo com Bird e Dardene,

as notícias, como os mitos, não contam as coisas como são, mas contam as coisas segundo o seu significado. Assim, as notícias são um tipo particular de narrativa mitológica com os seus próprios códigos simbólicos que são reconhecidos pelo seu público. Sabemos, quando lemos ou ouvimos uma notícia, que estamos numa situação narrativa particular que exige um tipo específico de posição para ser compreendido (BIRD; DARDENE, 1999, p. 267).

Já Golding e Elliot (1979) apontam que não há contradição entre esses os dois valores-notícias – importância do conteúdo e interesse do público – porque a capacidade de atrair e entreter o público é um caminho para conquistar os ideais jornalísticos que buscam publicar matérias jornalísticas relevantes para a sociedade.

O problema se resolve com a associação de um dos ideais por parte do outro, no sentido de que, para informar um público, é necessário ter atraído sua atenção, pois não há muita utilidade em fazer um tipo de jornalismo aprofundado e cuidadoso se a audiência manifesta o seu aborrecimento mudando de canal. Desse modo, a capacidade de entreter situa-se em uma posição elevada na lista dos valores-notícia, seja como um fim em si mesma, seja como instrumento para concretizar outros ideais jornalísticos (GOLDING; ELLIOT, 1979, p. 117).

Mesmo assim, a partir desta discussão teórica, pode-se perceber que as notícias importantes, que visam o interesse público, e as notícias interessantes, que atraem o interesse do público, sempre parecem estar em contradição. Por isso, alertam Aguiar e Schaun (2016, p. 229) que “discutir, portanto, os critérios “importância da notícia” e “notícia interessante” parece ser uma questão teórica fundamental para os estudos do jornalismo, além de central para a própria prática jornalística”.

Como destaca Traquina (2012, p. 33), “a trajetória histórica do jornalismo na democracia” ou o embrião de um jornalismo como hoje conhecemos – a gênese do jornalismo de informação – se inicia no século XIX quando a sociedade urbano-industrial moderna acompanha o advento das empresas jornalísticas que investem na publicidade para se manterem no sistema capitalista de produção, contribuindo para o surgimento da figura do repórter como um profissional valorizado. Com a expansão do jornalismo,

Traquina (2012, p. 34) relata que surgem “valores que ainda hoje são identificados com o jornalismo: a notícia, a procura da verdade, a independência, a objetividade e uma noção de serviço ao público”. Os jornais que, no século XVII, eram mais concentrados na defesa das causas políticas e religiosas, começam a separar informação de opinião. No século XIX, os jornais passam a ser considerados negócios que podem ser rentáveis. A notícia é um produto à venda pelas organizações jornalísticas.

O jornalismo informativo como conhecemos atualmente deve muito ao entretenimento no caminho de sua consolidação como o “Quarto Poder”. Pode-se dizer que o entretenimento foi o impulso usado pelo jornalismo para atrair o público e cumprir com a função social de ser os “olhos” e “ouvidos” da sociedade na fiscalização dos outros três poderes: Legislativo, Executivo e Judiciário, segundo a história contada por Traquina (2012) sobre o deputado do Parlamento inglês, MacCaulay, que seria o inventor do apelido durante uma sessão, acompanhada por jornalistas no século XIX.

Essa reflexão sobre a história do jornalismo nos permite compreender que o processo de profissionalização dos jornalistas é vinculado ao processo de construção das sociedades democráticas. Nesse contexto, a produção das notícias é um espaço de união e conflitos entre os atores sociais diante de questões políticas, econômicas e culturais que interagem e disputam através das narrativas jornalísticas, buscando produzir o sentido no processo de construção da realidade. Este cenário desperta a necessidade de discussões profundas sobre a definição de jornalismo. Em uma sociedade em que, mais do que nunca, o domínio das tecnologias digitais de informação e comunicação é poder, a pergunta “o que é jornalismo” se torna simplista em uma sociedade onde estas tecnologias podem facilitar a disseminação da desinformação e permitem a qualquer pessoa proclamar que “faz jornalismo”. Nesse sentido, a pergunta feita por Kovach e Rosenstiel (2003, p. 25) – “para que serve o jornalismo?” – é mais relevante que nunca diante de diversos impasses éticos e políticos. Segundo eles, “a principal finalidade do jornalismo é fornecer aos cidadãos as informações de que necessitam para se autogovernar” (KOVACH e ROSENSTIEL, 2003, p. 31). Afinal, a partir deste princípio até os empresários pioneiros da chamada “imprensa sensacionalista”, no final do século XIX, ou dos jornais tabloides da década de 1920, já enxergavam a promoção da democracia e a construção de um sentido de comunidade como valores fundamentais do jornalismo.

Pulitzer, Scripps e outros barões da imprensa popular fizeram dos imigrantes seu público básico. O estilo de escrever era muito simples, de forma que os imigrantes pudessem entender tudo. As páginas editoriais os ensinavam a serem cidadãos. Os novos americanos se reuniam todas as noites, depois do trabalho, para conversar sobre o que haviam lido nos jornais, ou ler para outros amigos e discutir os fatos relevantes do dia (KOVACH e ROSENSTIEL, 2003, p. 252).

A criação de um “novo jornalismo” no século XIX – o jornalismo de informação –, como conta Traquina (2012, p. 50), veio na forma da chamada *penny press*, que teve seu destaque nos anos 1830-1840. Este nome era relacionado ao preço mais acessível do que o estabelecido de seis centavos, que foi reduzido para um centavo, com a proposta de aumentar a circulação entre as pessoas que não compravam jornais por razões econômicas. Eram estas as publicações direcionadas para um público mais generalizado e politicamente menos homogêneo. Um exemplo são os imigrantes citados por Bill Kovach e Tom Rosenstiel. São publicações como *The Sun* nos Estados Unidos em 1831; *Presse*, na França, em 1836 e o *Diário de Notícias* em Portugal, em 1864. São jornais que deixam para trás os tempos do jornalismo publicista. Eles surgem com a proposta de dividir informação de opinião, determinando um novo conceito de notícia. É o novo jornalismo que vive o culto dos fatos. São notícias sobre os locais do cotidiano, processos na justiça, crimes, catástrofes, sem artigos opinativos com referências políticas. Além do culto dos fatos, o “novo jornalismo” busca oferecer aos leitores grande variedade de informações contadas de uma forma mais sensacionalista.

O sensacionalismo predominou em publicações europeias no século XVIII que precederam os jornais. Os temas mais comuns eram “pecados secretos”, “assuntos carnis”, divórcios, adultérios. Durante a Idade Média, as “folhas volantes” eram os veículos para as grandes fofocas do momento.

No ano da morte de William Shakespeare, em 1616, dos 25 “livros noticiosos”, publicados na Inglaterra, neste ano, quase um terço é dedicado às “pessoas importantes”, como a rainha Isabel; um outro terço dedicado aos assassinios, e o último terço, a uma variedade de assuntos (TRAQUINA, 2012, p. 55).

Ou seja: o “novo jornalismo” pretendia conquistar o leitor com velhas receitas de narrativas jornalísticas. E essa fórmula continua a valer em várias organizações jornalísticas, o que contribuiu para gerar e consolidar essa dicotomia entre notícias importantes e notícias interessantes. Uma visão negativa do sensacionalismo acabou por contribuir para que a ligação entre jornalismo e entretenimento fosse vista com ressalvas por jornalistas, pesquisadores do jornalismo e pelo público, no momento que, mesmo produzindo ou consumindo as notícias interessantes, exigem que os fatos de interesse público sejam o destaque. Schudson (2010) conta uma história do jornalismo no século XIX que confirma essa tendência que, pode-se dizer, continua atual:

Em um artigo intitulado, “O Jornal Moderno”, do dia 12 de fevereiro de 1897, o *Times* cobriu um discurso no Clube da Imprensa da Universidade de Colgate, feito pelo editor de cidades do *Utica Observer*, em que o editor W.W. Canfield atacava os jornais que inflavam as notícias, publicavam assuntos privados, divulgavam literatura obscena e se mostravam pouco confiáveis. Implorava por mais jornais como o *Times*. “Um jornal”, ele dizia, “é publicado para ser um companheiro e, certamente, os inteligentes não aceitariam como companheiro o imoral e o pervertido” (SCHUDSON, 2010, p. 134).

Schudson (2010) também mostra que os jornais considerados mais sérios, voltados para as informações de interesse público, conquistava mais leitores com menor grau de instrução ou poder aquisitivo porque, na verdade, eles queriam ler essas publicações porque a elite o fazia. E, por outro lado, as chamadas pessoas mais instruídas e prósperas liam não somente jornais considerados mais sérios, como New York Times, mas liam jornais e revistas de fofocas e o faziam com sentimento de vergonha. O autor chama isso de “uma dimensão moral na leitura de diversos tipos de jornal; existe orgulho e vergonha na leitura” (SCHUDSON, 2010, p. 136). Ou seja: existe “a plausibilidade da hipótese de que o leitor do Times não foi conquistado simplesmente pela utilidade dos artigos”, mas porque o Times era “socialmente aprovado”; ou seja, o jornal era um “emblema de respeitabilidade” (SCHUDSON, 2010, p. 137-8).

A história da imprensa demonstra que todos os avanços tecnológicos, como a invenção da prensa, da fotografia e do telegrafo, e as mudanças na estrutura da sociedade, com o crescimento da urbanização das cidades e dos processos de alfabetização, atingiu a produção dos jornais, possibilitando o aumento nas tiragens e a redução de preços dos exemplares. Esse mercado estimula o avanço da publicidade como vetor econômico para sustentar as organizações jornalísticas. Na disputa pelo maior número de leitores, os jornais precisavam fascinar o público, utilizando diversas estratégias. Entre elas, a produção das stories, ou as notícias de interesse humano ou notícias interessantes. Porém, é necessário destacar que, nem sempre o jornalismo voltado para o entretenimento está baseado em narrativas sensacionalistas.

Mesmo investindo em notícias interessantes para atrair o público, os jornalistas costumam insistir em um ideal de objetividade. Uma das pesquisadoras mais influentes das teorias do jornalismo, Gaye Tuchmann (1999) destaca que três fatores ajudam o jornalista a definir um fato objetivo: a forma, o conteúdo e as relações interorganizacionais. Na forma, ela ressalta os atributos das notícias e costume do uso das aspas, sempre buscando se apoiar nas declarações dos definidores primários, as fontes de informação. Quanto ao conteúdo, o jornalismo trabalha com questões e noções de realidade social através da narrativa jornalística. As relações interorganizacionais são relativas as experiências profissionais dos jornalistas. Suas relações com o público, os chefes e os colegas de profissão. Segundo autora, os jornalistas “invocam os procedimentos rituais para neutralizar potenciais críticas e para seguirem rotinas confinadas pelos limites cognitivos da racionalidade” (TUCHMANN, 1999, p.75).

Mesmo na busca da objetividade, as publicações, com a proposta de atrair o público leitor, produzem material jornalístico para interesse do público ou as notícias interessantes. São os relatos da anomalia, da aberração, do passional ou como Barthes (1964) denomina estas narrativas: os *faits-divers*. O que seria então um *fait-divers*? Barthes nos apresenta alguns exemplos: “Uma empregada sequestra o filho dos patrões”; “Um inglês se alista no exército: não queria passar o Natal com a sogra”; “Um violinista estrangula a esposa com

a corda do violino”; “A joalheria Tal foi assaltada três vezes em uma semana” (BARTHES, 1964, p. 58). Estes são exemplos deste tipo de narrativa, ou seja, histórias contadas através de notícias e que atraem o público diante de características que abrangem o clímax, a fatalidade, o impacto das coincidências nas tragédias da vida. Ou como o próprio Barthes define:

O *fait-divers* é uma informação total, o mais exatamente imanente; ele contém em si todo seu saber: não é preciso conhecer nada do mundo para consumir um *fait-divers*; ele não remete a nada além dele próprio; evidentemente, seu conteúdo não é estranho ao mundo: desastres, assassinatos, raptos, agressões, acidentes, roubos, esquisitices, tudo isso remete ao homem, a sua história, a sua alienação, a seus fantasmas, a seus sonhos, a seus medos: uma ideologia, uma psicanálise do *fait-divers* são possíveis: mas trata-se aí de um mundo cujo conhecimento é apenas intelectual, analítico, elaborado em segundo grau por aquele que fala do *fait-divers*, não por aquele que o consome; no nível da leitura, tudo é dado num *fait-divers*; suas circunstâncias, suas causas, seu passado, seu desenlace; sem duração e sem contexto, ele constitui um ser imediato, total, que não remete, pelo menos formalmente, a nada de implícito: é nisso que ele se aparenta com a novela e o conto, e não mais com o romance. É sua imanência que define o *fait-divers* (BARTHES, 1964, p. 58-59).

A partir deste conceito, Aguiar (2008) destaca a ideia de Barthes (1964) de que um acontecimento se torna notável diante da relação entre o ordinário e o extraordinário. Esta espécie de simbiose está ligada a própria imanência do *fait-divers*. São fatos fechados em si mesmos. São acontecimentos que se explicam, que se completam em sua estrutura. São narrativas comparadas as novelas. Sodré (1996) prefere chamar de folhetim ou a narrativa romanesca que ajudou a impulsionar, no século XIX, o jornal como mercadoria.

O folhetim tem a mesma atmosfera fabuladora desse tipo de notícia. Uma notícia “professor de violino mata aluna com bala de prata” goza de intemporalidade análoga   de uma narrativa romanesca. Na notícia “médico estrangula a cliente com estetoscópio”, a anomalia está no absurdo da causa, violentamente desviada de seu compromisso com a cura; já em “comerciante assaltado quarenta vezes”, a extraordinária repeti o do acontecimento sugere um certo ordenamento para o acaso (SODRÉ, 1996, p. 134).

Esta última frase de Muniz Sodré, assim como as próprias defini es de Roland Barthes, mostra uma espécie de paradoxo que o *fait-divers* nos apresenta. Como poderia existir um ordenamento para o acaso? Esse seria o sonho de todo mundo que busca controlar o incontrolável. Porém, é exatamente o inusitado e o incontrolável que fascina o público mesmo que o jornalismo de referência seja considerado, como disse Schudson (2010), como socialmente aprovado e respeitável pelo público. O *fait-divers* d  uma estrutura ao acontecimento, apresentando as suas esquisitices, suas coincidências, suas rela es com outros acontecimentos similares. O relato estruturado do “inclassic vel”, como diz Barthes e lembra Aguiar (2008, p. 22), “não   só o primeiro modelo da dramatiza o do

acontecimento pelos jornais sensacionalistas como também o *fait-divers* sempre esteve vinculado à informação jornalística”. A *penny press* do século XIX mostra como é possível detectar a aproximação entre as *fait-divers* de Barthes (1964) e o termo *story* de Schudson (2010), nas narrativas sensacionalistas que buscam atrair o público.

Seguindo essa ideia, Marialva Barbosa (2007) avalia que o jornalismo sensacionalista “apela às sensações, que provoca emoção, que indica uma relação de proximidade com o fato, reconstruído exatamente a partir dessa memória de sensações” (BARBOSA, 2007, p. 214). Autores como Marshall (2003) destacam que a própria concepção de notícia é marcada por uma lógica da sensação. Segundo ele, o sensacionalismo é “um estilo que, de certo modo, está radicado na própria essência ontológica da notícia” (MARSHALL, 2003, p. 76). Já Ciro Marcondes Filho ressalta que a principal diferença entre a imprensa de referência, considerada “séria”, “liberal”, e a imprensa sensacionalista é o grau de utilização das estratégias comunicacionais da lógica das sensações. “Sensacionalismo é apenas o grau mais radical de mercantilização da informação” (MARCONDES FILHO, 1989, p. 66). Sobre o sensacionalismo, Martín-Barbero (2006) argumenta que a reflexão baseada no conceito emerge junto com os ideais jornalísticos marcados pela hegemonia do racionalismo e do Iluminismo com seus princípios de objetividade e discursos imparciais. O sensacionalismo na imprensa é a marca do que o autor chama de matriz simbólico-dramática que não opera por conceitos e generalizações, mas por imagens e situações como acontece nas narrativas do folhetim, do melodrama e do *fait-divers*. O autor nos faz refletir sobre a relação complicada entre sensacionalismo e jornalismo de referência da seguinte forma.

Somente correndo riscos se pode descobrir a conexão natural entre a estética melodramática e os dispositivos de sobrevivência e de revanche da matriz que irriga as culturas populares. Uma estética melodramática que se atreve a violar a separação racionalista entre os assuntos sérios e os temas destituídos de valor, a tratar os fatos políticos como fatos dramáticos e a romper com a objetividade, observando as situações a partir daquele outro ponto de vista que interpela a subjetividade dos leitores (MARTÍN- BARBERO, 2006, p. 250).

4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo teve por objetivo incentivar e aprofundar o debate sobre o valor-notícia entretenimento na produção da notícia, apresentando visões diferentes de vários autores sobre essa questão. O trabalho visou problematizar o termo “infotimento”, composto da fusão de informação e entretenimento para designar a hibridização do ideal modernos do jornalismo informativo – compreendido pela vertente educativa do campo jornalístico como um dispositivo de conscientização política – com uma das características da cultura das mídias: a capacidade de entreter, divertir e distrair. Uma conclusão possível é que o sensacionalismo presente nas narrativas jornalísticas – marcado por uma lógica da

sensação – pode se configurar como uma estratégia comunicacional para a produção de uma narrativa jornalística interessante e com capacidade de atrair o leitor também para as notícias importantes.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Leonel Azevedo de. **Entretenimento: valor-notícia fundamental. Estudos em Jornalismo e Mídia**, UFSC, Santa Catarina, v.5, n.1, pp. 13-23, 2008.

_____; SCHAUN, Angela. A notícia e a lógica das sensações: uma contribuição para as teorias do jornalismo. **Chasqui - Revista Latinoamericana de Comunicação**, Ciespal, Equador, n.132, pp.225-243, 2016.

BARBOSA, Marialva. **História cultural da imprensa no Brasil, 1900-2000**. Rio de Janeiro: Mauad, 2007.

BARTHES, Roland. **Essais Critiques**. Paris: Seuil, 1964.

BIRD, S. Elizabeth; DARDENNE, Robert W. Mito, registro e “estórias”. In: TRAQUINA, Nelson (org.). **Jornalismo: questões, teorias e “estórias”**. 2.ed. Lisboa: Vega, 1999. pp. 263-277.

CHALABY, Jean. O jornalismo como invenção anglo-americana: comparação entre o desenvolvimento do jornalismo francês e anglo-americano (1830-1920). **Media & Jornalismo**, v. 1, n. 3, 2003, p. 29-50.

DEBORD, Guy. **A Sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DUMAZÉDIER, Joffre. **Lazer e cultura popular**. São Paulo: Perspectiva, 1973.

GABLER, Neal. **Vida, o filme: como o entretenimento conquistou a realidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

GANS, Herbert. **Deciding what's news: a study of CBS Evening News, NBC Nightly News, Newsweek and Time**. New York: Pantheon Books, 1979.

GOLDING, Peter; ELLIOT, Philip. **Making the News**. London: Longman, 1979.

HUIZINGA, Johan. **Homo Ludens: o jogo como elemento da cultura**. São Paulo: Perspectiva, 1971.

HUGHES, Helen MacGill. **News and the Human Interest Story**. Chicago: University of Chicago Press, 1940.

KOVACH, Bill; ROSENSTIEL, Tom. **Os elementos do jornalismo: o que os jornalistas devem saber e o público exigir**. São Paulo: Geração Editorial, 2003.

MARCONDES FILHO, Ciro. **O capital da notícia**. São Paulo: Conselho Editorial, 1989.

MARSHALL, Leandro. **O jornalismo na era da publicidade**. São Paulo: Summus, 2003.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações**: comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro: EdUFRJ, 2006.

SCHUDSON, Michael. **Descobrimo a notícia**: uma história social dos jornais nos Estados Unidos. Petrópolis: Vozes, 2010.

SODRÉ, Muniz. **Reinventando a cultura**. Petrópolis: Vozes, 1996.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo**: porque as notícias são como são. 3.ed. Florianópolis: Insular, 2012.

TRIGO, Luiz Gonzaga Godoi. **Entretenimento**: uma crítica aberta. São Paulo: Senac São Paulo, 2003.

TUCHMAN, Gaye. A objetividade como ritual estratégico: uma análise das noções de objetividade dos jornalistas. In: TRAQUINA, Nelson (org.). **Jornalismo**: questões, teorias e “estórias”. 2.ed. Lisboa: Vega, 1999. pp. 74-90.

WOLF, Mauro. **Teorias das comunicações de massa**. 6.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

ÍNDICE REMISSIVO

A

análise de conteúdo 26, 37, 221, 228, 268

Análise de Conteúdo 242

Art-College Berlin-Weissense 88

C

Câncer de Mama 85, 86, 87, 88, 89, 91, 92, 93, 94, 96, 97, 98, 99

Ciberativismo 26, 50

Comunicação Política 30, 32, 221

Conselho Tutelar 202, 210, 213, 214, 215, 219

Constituição Federal 4, 102, 203, 221, 222, 300, 303, 305

Crise Econômica 141, 145, 154, 308, 310, 313, 316

D

Discurso Publicitário 308, 312, 314, 319

Ditadura Civil-Militar 25, 111, 112, 114, 115, 118, 120, 122, 123

E

Educomunicação 75, 76, 78, 81, 83, 84

Estética 16, 43, 95, 98, 110, 111, 112, 122, 159, 170, 174, 175, 176, 178, 191, 264, 298

F

Feminicídio 4, 7, 10, 11, 13, 40

Feminismo 15, 24, 27, 34, 39, 44, 45, 46, 48, 51, 52, 65, 66, 68, 74

Fotografia de Exaltação 286, 287, 293

Foucault 19, 20, 24, 40, 42, 43, 51, 102, 106, 107, 108, 109, 253, 254, 264, 318, 320

G

Gaudreault 112, 113, 120, 123

Gênero 3, 4, 5, 12, 13, 14, 15, 18, 19, 20, 21, 24, 25, 40, 41, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 51, 52, 53, 54, 56, 57, 59, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 68, 69, 70, 72, 73, 74, 97, 173

Grotesco 172, 174, 175, 180

Guerra Civil 157, 164, 167

Gutenberg 194, 196, 200

H

Habitus 313, 318

Historicidade 252, 253, 254

I

Imprensa 2, 5, 9, 10, 11, 12, 18, 22, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 61, 62, 64, 107, 154, 155, 157, 159, 160, 162, 164, 165, 167, 168, 169, 177, 184, 187, 188, 189, 191, 192, 194, 195, 196, 197, 199, 200, 201, 227, 255, 256, 283, 288, 333

Infotendimento 150, 181, 191

Intervenção Federal 221, 222, 225, 228, 234, 236, 238, 239, 240, 241

J

Jornalismo Sindical 53, 54, 55, 56, 64, 333

Jornal Nacional 221, 225, 226, 228, 229, 230, 233, 235, 238, 241

Judith Butler 15, 44

K

Katharina Mouratidi 85, 86, 87, 88, 91, 92, 94, 96, 100

L

LGBT 16, 17, 18, 20, 21, 22, 25, 211

M

Marketing Territorial 140

Martín-Barbero 75, 76, 77, 84, 191, 193, 255, 264

Mídias Digitais 40, 41, 46, 47, 81

MTST 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139

Muniz Sodré 81, 172, 190, 224

N

Narrativa 93, 111, 112, 114, 118, 122, 123, 160, 171, 173, 182, 185, 186, 189, 190, 192, 228, 291, 292, 317

Neuromarketing 244, 245, 246, 247, 250, 251

Noticiabilidade 6, 170, 177, 182

Novos Movimentos Sociais 124, 126, 206

P

Performance 17, 18, 91, 92, 98, 100

Pesquisa Exploratória 34

Políticas Públicas 4, 12, 13, 38, 101, 102, 105, 106, 107, 108, 109, 144, 202, 203, 204, 205, 206, 207, 208, 210, 211, 214, 215, 216, 217, 223, 281, 304

Prensa 189, 194, 195, 197, 198, 199, 201, 294

Protestantismo 200

Psicologia Ambiental 295, 296, 297, 299, 304, 305, 307

R

Rádio 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 84, 161, 173, 184, 257

Redes Sociais 26, 30, 32, 33, 39, 41, 46, 49, 50, 77, 148, 167, 180

Representações Midiáticas 252

S

Subproletariado 131

V

Valor Notícia 170, 171, 174, 177

Comunicação, Política e Atores Coletivos

 **Atena**
Editora
Ano 2020

www.atenaeditora.com.br 
contato@atenaeditora.com.br 
[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 
www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

Comunicação, Política e Atores Coletivos

 Atena
Editora
Ano 2020

www.atenaeditora.com.br 
contato@atenaeditora.com.br 
[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 
www.facebook.com/atenaeditora.com.br 